

Construindo Planos Comuns por meio dos materiais: correspondências na Comunidade Maracanã

Tayomara Santos dos Santos⁽¹⁾ e
Raquel Gomes Noronha⁽²⁾

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar métodos e resultados de um processo de correspondências em design por meio da antropologia, a partir da atividade artesanal realizada com sementes florestais ornamentais na comunidade rural Maracanã em São Luís, capital do Maranhão. À luz do *designantropologia* – DA, foi possível construirmos espaços dialógicos nos encontros com a comunidade, que colaboraram no traçado de planos comuns com vistas à sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural, materializados no melhoramento da cadeia produtiva da atividade e na produção de um inventário das espécies de sementes nativas e modos do saber-fazer locais.

Palavras-chave: designantropologia - artesanato - sustentabilidade - materiais - Comunidade Maracanã.

[Resumos em espanhol e inglês nas páginas 283-284]

⁽¹⁾ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

⁽²⁾ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

Introdução

No estado do Maranhão, a variedade de espécies da fauna e flora propicia grande diversidade de materiais, que o torna um grande produtor de artesanato. Tal atividade é regulamentada pela Lei 13.180 de 22 de outubro de 2015, que estabelece diretrizes para as políticas públicas de fomento à profissão, institui a carteira profissional à categoria e autoriza o poder executivo a dar apoio profissional ao artesão (Brasil, 2015).

Rica em biomas, parte da vegetação maranhense é constituída por floresta amazônica; em 208 municípios, portanto, é comum encontrar diversos tipos de espécies fornecedoras de sementes que são e podem ser direcionadas à produção do artesanato (Spinelli-Araujo, 2016). No entanto, as sementes utilizadas dentro do estado se restringem apenas à confecção de artefatos artesanais, como os adornos corporais chamados de biojoias¹.

Considerando o uso de sementes na produção artesanal, por meio do trabalho de mestrado da pesquisadora Gisele Reis Correia Saraiva, entre os anos 2008/2010, verificou-se a quantidade de sementes de juçara² (*Euterpe Oleracea Mart*) desperdiçadas diariamente no bairro do Maracanã, em São Luís, capital do Maranhão (Correa, 2010). Posteriormente, esta questão tornou-se fator motivador para um projeto extensionista³, que possibilitou a inserção da semente de juçara no trabalho artesanal na comunidade. No projeto, as sementes de juçara eram coletadas e beneficiadas na própria comunidade, por meio de técnicas e ferramentas aprendidas e desenvolvidas a partir da metodologia do design colaborativo – *code-sign*, por artesãs, moradores locais, mediadas por *designers*, resultando na formação de um grupo produtivo que empenhou-se nos processos de beneficiamento e produção de biojoias. A partir deste cenário, continuamos a atuar para além da preocupação com o produto final (biojoias e/ou outros artefatos), configuração material (técnicas de produção no trabalho com as sementes) e descrição do processo, e fomos além, pois “[...] é preciso destacar a importância das relações no contexto social, às práticas sociais dos envolvidos, a relação com o lugar que ocupa junto a outros elementos na organização social do espaço” (Keller, 2014, p. 333). Para tanto, é fundamental compreender que a atividade artesanal está imersa em um emaranhado de relações sociais ao longo da cadeia produtiva.

Sendo esta pesquisa pautada com um processo de experimentação social em meio a atividade artesanal de biojoias com sementes florestais em uma comunidade rural e tradicional, não consideramos o levantamento de hipóteses, pois conforme Rosso *et al* (2002) numa pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador busca interpretar ou explicar um determinado fenômeno social, dificilmente poder-se-ia falar em teste de hipóteses.

Dialogando com Durkheim (2012), ao ponderar que o pesquisador deve tratar os fenômenos sociais como “coisas”, e para tanto, este precisa realizar um esforço prévio à pesquisa, analisar os seus próprios julgamentos de valores e pré-noções a respeito dos objetos em estudo; isto é, identificar e isolar os preconceitos enraizados em nós enquanto seres sociais. Neste cenário, não existe “a verdade”, no entanto, podemos tentar nos aproximar dela por meio da análise e da “desconstrução” das várias interpretações da verdade que podemos observar.

Para tanto, nossa abordagem a partir do designantropologia (DA), por meio das práticas de correspondências, conceituada por Tim Ingold (2020) como uma forma atencional de estar no mundo, enfatizando as subjetividades de todos envolvidos na pesquisa, dos materiais e do ambiente. Assim, estamos lidando com uma forma de pesquisa qualitativa, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2010). Ocupa-se do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados das coisas, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais nos quais estabeleceremos no estar em campo. Deste modo, identificamos esta pesquisa como qualitativa, aplicada, descritiva e experimental, a partir do estabelecimento de práticas de correspondência aludidas pelo DA, que surgem de processos colaborativos. A correspondência emerge do campo por meio da comunicação, da convivência, da atenção direcionada à atividade do outro, do fluxo dos materiais, no transcorrer da vida coletiva. Assim, traz maior abertura para o diálogo entre os atores presentes no processo, ampliando o imaginário na busca de soluções.

Nesta pesquisa (Figura 1), o processo de correspondência em buca da criação de planos comuns na atividade com sementes, deu-se por meio de práticas e ferramentas do code-sign, nos encontros, durante as trocas entre a designer-pesquisadora, grupos produtivos de artesanato do Maracanã, do Centro de Promoção Artesanal do Maranhão (CE-PRAMA) e também com a Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (ED-UEMG), por meio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/Amazônia edital nº 21/2018, no projeto “Comunidades criativas e saberes locais: design no contexto social e cultural de baixa renda”.



Figura 1. Tempo de maturação da pesquisa com sementes florestais no Maracanã. Fonte: Elaborado pelas autoras, (2020).

Maracanã, campo de riquezas naturais

O Bairro do Maracanã está localizado dentro de uma Área de Proteção Ambiental –APA, uma Unidade de Conservação Sustentável situada na zona rural do município de São Luís a aproximadamente 26 km do centro da capital criada por meio do Decreto Estadual 12.103 de Outubro de 1991 (MARANHÃO, 1991), pelo então governador do Maranhão Edson Lobão, devido à necessidade de proteger o local da constante ação de degradação humana do meio ambiente, na medida em que se situa próxima ao Distrito Industrial do Maranhão, BR 135. Com uma área de 1831 há (Figura 2), além do Maracanã, compreendendo os bairros Matinha, Vila Maranhão, Vila Sarney, Vila Esperança e Rio Grande.



Figura 2. Localização geográfica da APA do Maracanã. Fonte: Produção das autoras, (2020).

Esta APA está inserida na região da Amazônia Legal, possuindo fauna e flora bastante diversificadas. Com fragmentos de diferentes tipos de vegetação margeadas pelo curso do Rio Maracanã e nas áreas alagadas; na terra firme uma vegetação dependendo da localização pode ser amazônica ou de cerrado. As áreas estudadas mostram essa diferença, no fragmento denominado de nascente, por exemplo, há uma vegetação mais densa com árvores de grande porte, lianas (cipós), briófitas (musgos), pteridófitos (ex. samambaias) e palmeiras (Frazão, 2017).

Diante da extensa vegetação, durante a pesquisa, verificamos que além da juçara (*euterpe oleracea mart.*), espécie de maior abundância na região, existiam outras sementes florestais com grande potencial de serem empregadas como insumos naturais na produção do artesanato local, tais como buriti (*Mauritia flexuosa*), dendê (*Elaeis guineenses*), leucena (*Leucaena leucocephala*), tento (*Adenantha pavonina L.*), tamarindo (*Tamarindo indicas*), anajá (*Attalea maripa*), babaçu (*Attalea speciosa*), tucum (*Astrocaryum vulgare*), entre outras espécies nativas. A região revela-se como campo promissor para esta atividade.

Por tais fatores, tornou-se latente a necessidade de traçar um estudo acerca destas espécies, das formas de manejo, das maneiras assertivas de uso no artesanato, considerando os valores territoriais como a marcante identidade cultural local, o envolvimento dos habitantes e de seus saberes e a sustentabilidade em cada uma de suas dimensões em constante interrelação com as pessoas da comunidade. Neste sentido, a designer, por estar na posição de mediadora, pode ser considerada como integrante do grupo de atores sociais, no qual participa diretamente das estratégias em busca do desenvolvimento sustentável, “[...] ligando o tecnicamente possível com o ecologicamente necessário, fazendo nascer novas propostas que sejam social e culturalmente apreciáveis” (Manzini e Vezzoli, 2008, p. 20).

Diante do cenário em que precisávamos considerar os materiais, artefatos, modos de fazer, território e relações sociais complexas, buscamos respostas na aproximação do design com a antropologia, por meio de correspondências.

Designantropologia e as correspondências

Como o design pode contribuir para o fortalecimento do artesanato como sementes florestais disponíveis no Maracanã, considerando as práticas vernaculares de extração, tratamento e uso? Por se tratar de uma área do conhecimento interdisciplinar (Fontoura, 2011), o design busca aliar-se a outros campos do saber, para que questionamentos como este possam ser respondidos.

Conforme Porto et al (2016), o DA é um campo de interface interdisciplinar em expansão, que conjuga o compromisso com a observação participante e com a reflexão teórica (contribuições da antropologia) cujos resultados são norteadores para processos criativos (contribuições do design) em cenários futuros, na busca de um engajamento dialógico e exploratório com o mundo que constantemente se transforma. Halse (2013), dialoga DA ao colocar que o DA permite pensar o design de forma democrática em um exercício que permite extrapolar o tempo presente por meio da imaginação.

Alinhando abordagens metodológicas no processo de trabalho colaborativo de ambos os campos (design e antropologia), o DA, não deixa de ter suas especificidades e pontos de interesse, cujo maior desafio é desenvolver e consolidar ferramentas e práticas de colaboração em comum, em um plano comum, conforme destaca Noronha (2018), principalmente no que tange à observação participante, que é um “modo de participação que significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas” (Ingold, 2016, p. 407).

Assim, o DA traz a prerrogativa de ativar a antropologia por meio do design, através das correspondências, desvencilhando-se das armadilhas da representação do outro a partir do nosso próprio olhar (Noronha, 2018).

Esta abordagem permite o aprofundamento da compreensão a respeito da forma como as pessoas habitam os espaços, constroem-se e relacionam-se com as coisas – materiais e imateriais (Anastassakis, 2014). Além disso, nos ajuda a compreender enquanto pesquisadores, as relações de reciprocidade em campo, imaginando futuros possíveis, comparando os saberes humanos e de outros seres e suas diversas formas de viver, por meio de práticas de correspondência (Gatt e Ingold, 2013). Estas práticas se materializam durante o trabalho colaborativo com os atores sociais em campo, motivadas pela atenção empregada, pela empatia e envolvimento dos sentidos em experimentos com as pessoas. Para tanto, é necessário que, quem pesquisa, reconheça o outro não como *objeto de pesquisa*, mas como *ator* (copesquisadores, neste caso) e compreenda seu papel no contexto (Keller, 2014).

As correspondências são um caminho para construirmos processos eminentemente colaborativos, considerando visões de mundo variadas, atencionalidade no fazer, a empatia, a imaginação, a criatividade, que resultam em diálogos profundos e engajamento coletivo, produzindo um *experimento social*, que conforme Halse (2013) é uma prática antropológica de design, constituindo um experimento contínuo com participação, desempenho e intervenção situada.

Métodos e técnicas

Metodologias colaborativas em design se propõem a promover discussões em busca de proposições coletivas para diferentes demandas. Deste modo, “[...] o design emergente, se constitui simultaneamente e produz a pesquisa, resultados co-interpretados pelo designer-pesquisador e os participantes no campo” (Spinuzzi, 2015, p. 164).

Para tanto, toma-se como base a pesquisa qualitativa e de natureza aplicada por meio da imersão da pesquisadora no campo e das trocas com os habitantes deste espaço. O designantropologia – DA, fruto da aproximação do design com a antropologia, mostra-se como um ‘guia’ que nos ajuda a compreender esse processo de imersão no campo durante contato com os interlocutores que vai muito além da observação participante, mas, de uma vivência por meio de práticas de correspondências.

Em termos de qualificação da pesquisa, as correspondências podem ser entendidas como um experimento, não aquele realizado em ambiente como um ‘laboratório’ em que o pesquisador tem controle total sobre as variáveis e todo o processo é conduzido por ele, mas um experimento realizado em ‘campo’, neste caso, um processo de ‘experimentação social’ (Halse, 2013), entre pesquisador e os demais atores sociais envolvidos, viabilizado pela copesquisa e cocriação, este termo qualifica o processo que envolve a criatividade de designers e de pessoas não treinadas em design, trabalhando juntos no processo de design (Sanders e Stappers, 2016). Neste caso, não há um controle absoluto do pesquisador sobre as variáveis, pois são projetos conduzidos em uma situação real.

Na Figura 3 e no Quadro 1 apresentamos o fluxo e detalhamento das etapas realizadas nesta pesquisa:



Figura 3. Fluxo das etapas da correspondência na pesquisa com sementes. Fonte: Produção das autoras, (2020).

Quadro 1. Quadro descrição da metodologia.

Tipo	Etapa	Atividades	Métodos/ Técnicas	Colaboradores
I	Aproximação com as pessoas	Visitas à residências; rodas de conversa e palestras; Visitas a trilhas da APA; Visitas ao CEPRAMA.	Observação participante; Registros em áudio e vídeo.	União de Moradores da Vila Mochel; Associação de Amigos do Parque da Juçara; Núcleo em Inovação, Design e Antropologia – NIDA. Adriano Algarves (guia); Elinado Mendes (cinematista); Samuel Miranda (PPGDG/UFMA)
II	Relevo Holístico	Levantamento, consulta e organização documental sobre o Maracanã.	Pesquisa documental e bibliográfica; Observação participante.	Profa. Dra. Kátia Pêgo (UEMG); Prof. Dr. Edson Carpintero (UEMG); NIDA/UFMA.
III	Coleta, seleção e identificação de sementes	Catação em solo e extração manual;	Observação participante, Registros áudio e vídeo.	Adriano Algarves, Tatiane e Felipe Mendes (moradores); Profa. Gisele Reis (DEDET/UFMA), Nayana, Kelly, Laís, Lúcia Franco (artesã).
IV	Mapeamento da área de pesquisa	Visita guiada pelo interior da APA; Marcação pontos de coleta.	Registro via satélite pelo ARCGIS; registros em fotos, áudio e vídeo.	Adriano Algarves, Tatiane Mendes, Jefferson Frazão e Regina Albuquerque (Grupos de estudos e pesquisa em edafologia e pedologia – GEPEPE/UFMA);
V	Experimentos Sociais e Intercâmbio de saberes	Oficinas, encontros criativos, rodas de conversa entre grupos produtivos	Observação participante; Vivência sensorial com o material; Apreciação de vídeos, entrevistas abertas; registros audiovisuais; transcrições.	Artesãs do Maracanã e CEPRAMA; Profa. Gisele S. e Bolsistas PROEXE; Samuel Miranda; Elinado Mendes; Ferdinan Sousa; Profa. Dra. Nadja Mourão (UEMG).
VI	Análise das informações de campo		Triangulação de Métodos (MINAYO, 2010)	Pesquisadora, orientadora (Raquel Noronha)
VII	Produção do Inventário			Pesquisadora.

Fonte: Produção das autoras, (2020).

Os experimentos caracterizavam-se pelas trocas em campo entre pesquisadoras, artesãs (do Maracanã e externas), guia ecológico e outros moradores da localidade, por meio de visitas, encontros e oficinas, cujas atividades deram-se a partir de experimentações e improvisos (Halse, 2010; 2013; Ingold, 2013; 2016), durante o acompanhamento do modo local de funcionamento da cadeia produtiva do artesanato com sementes.

Para análise e interpretação das correspondências, realizamos uma triangulação de métodos (Minayo, 2010), considerando os apontamentos da observação participante, a análise dos experimentos sociais e contextualização ancorada nos autores.

Encontros como espaços dialógicos

Conforme Escobar (2016, p. 182), vivemos em um mundo no qual todos precisam projetar e redesenhar sua existência e, por tanto, o projeto de design se torna o suporte a projetos de vida individuais e coletivos. Seguindo esta prerrogativa, a habilidade para integrar e estabelecer relações com grupos heterogêneos é essencial na mediação, no que tange a busca por entendimento de contextos culturais plurais na atividade projetual do design para produtos e serviços.

Quando propusemos tal prática no campo do design, estávamos potencializando a inclusão no diálogo com as próprias sementes, com o meio ambiente, com os seres vivos que estão em correspondência com a cadeia produtiva do artesanato com os artesãos, coletores, moradores e guias ambientais e isso transcende os valores financeiros e funcionais envolvidos. Com a realização dos encontros construímos um percurso de ações pautadas no diálogo e ideias apreendidas com as pessoas em campo, nas trocas e contribuições entre os grupos produtivos do Maracanã e Ceprama com a equipe de designers.

Reencontro com a comunidade

Após a culminância do projeto extensionista “Artesanato no Maracanã: utilização de sementes de juçara na produção artesanal” anteriormente mencionado, retomamos à comunidade para acompanhar a produção de bijoias com as sementes de juçara e as tratativas em torno do beneficiamento. Houve algumas baixas no grupo diminuindo a dinâmica da atividade. Porém, com nosso retorno ao Maracanã, junto ao grupo de artesãs, pensamos em estratégias e traçamos recomendações que pudessem auxiliá-las na integração de novas colaboradoras e quanto aos processos de beneficiamento e acabamento das peças desenvolvidas, percebidas com as maiores dificuldades na atividade. O contato com outros grupos de artesanato foi uma dessas estratégias.

De encontro ao CEPRAMA

Como ação inicial, promovemos um encontro entre artesãs do Maracanã e do Centro de Promoção Artesanal do Maranhão – CEPRAMA, no próprio Centro, de maneira que

ambas as artesãs pudessem dialogar sobre suas experiências com o artesanato e estabelecer possíveis acordos que promovessem melhorias em suas atividades produtivas, já que ambas lidavam com os mesmos insumos. Como propostas, o grupo do Maracanã poderia fornecer sementes beneficiadas a preços compensatórios ao grupo do CEPRAMA, já que este grupo adquiria seu principal insumo de outros Estados a custos maiores. Em contrapartida, o grupo do CEPRAMA, premiado por suas produções, ofereceria orientações por meio de oficinas e minicursos sobre produção de biojoias às artesãs do Maracanã. A iniciativa dialoga com o que postula Halse (2010, p. 34), ao enfatizar que “[...] as observações de campo de uma determinada realidade e a criação de futuros possíveis são dois lados do mesmo empreendimento”. Estas oportunidades foram observadas pelas pesquisadoras durante encontros nos ambientes produtivos dos dois grupos.

Do CEPRAMA ao Maracanã

A oficina colaborativa de produção de biojoias, intitulada “Intercâmbio com sementes”, foi um encontro que reuniu grande grupo formado por designers (UFMA e UEMG), artesãs e moradoras das comunidade interessadas pela atividade. A oficina tratava-se de uma estratégia de design (Di Salvo, 2009), como meio de atrair mulheres artesãs e não-artesãs que pudessem ingressar e se engajarem na atividade com sementes. Esse evento pode ser entendido com um experimento social de design, cujo objetivo não era necessariamente ensinar a confeccionar um adorno corporal com sementes a partir do olhar de designers, mas um espaço para promover o diálogo e um intercâmbio de saberes sobre artesanato; um espaço para experimentar e explorar o que as sementes poderiam oferecer de benefícios para comunidade. A oficina foi ministrada por artesãs do CEPRAMA. O encontro foi considerado uma experiência prazerosa para as artesãs e exitosa para as pesquisadoras, apresentando resultados surpreendentes.



Figura 4. Intercâmbio com sementes no Maracanã. Fonte: Das autoras, (2020).

Intercâmbio entre grupos produtivos locais

Na ocasião do intercâmbio participaram representantes da comunidade, comerciantes, artesãos, docentes e discente de design da UFMA e da UEMG. As correspondências aconteceram por meio da construção de um espaço dialógico sobre as práticas produtivas dos grupos presentes. A identificação dos grupos produtivos e seus produtos por área nos ajudou a dimensionar as possíveis cadeias produtivas e quais poderiam contribuir para a manutenção das outras, além de notabilizarmos a diversidade da produção local por meio do infográfico Relevô Holístico (que possibilita traçar uma espécie de radiografia do território), ferramenta adaptada do Design Sistemico (Pêgo e Oliveira, 2014), à comunidade apresentada pela equipe de designers. Para a pesquisa com sementes, compreender tal dimensão foi fundamental para que pudéssemos identificar possíveis parceiros e colaboradores, além de nos ajudar a vislumbrar oportunidades para a atividade artesanal com sementes com as informações levantadas sobre o território e seus grupos produtivos.



Figura 5. Intercâmbio entre grupos produtivos do Maracanã e designers (UFMA e UEMG). Fonte: Das autoras, (2020).

Caminhadas nas trilhas ecológicas da APA

A comunidade Maracanã tem como uma das principais atividades econômicas o turismo ecológico. Nesse contexto, encontramos Adriano Algarves, guia ecológico que nos orientou sobre a biodiversidade local e sementes, mostrando-nos o grande potencial que a comunidade tem para fornecê-las, devido à abundância e ao grande desperdício do material, sem aproveitamento e sem qualificação profissional para isso. A partir destas informações, realizamos algumas incursões para encontrar espécies nativas na mata, trilhas ecológicas e áreas de extração mineral na APA.

Essas incursões eram tuteladas pelo guia e por artesãs, que conheciam bem o entorno. As idas à mata foram fundamentais para que fizéssemos o levantamento das espécies de sementes nativas presentes na região, assim como para a demarcação dos pontos de coleta (mapeamento) e entendéssemos um pouco da dinâmica da biodiversidade local e suas cosmologias (energias, crenças, costumes, subjetividades) que influenciavam diretamente na atividade com as sementes. Para mapear as áreas de coleta contamos com o apoio de pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisa em Edafologia e Pedologia – GEPEPE, do curso de geografia da UFMA.



Figura 6. Equipe de copesquisadores no Maracanã. Fonte: Das autoras, (2020).

Debates e resultados

As ações das pesquisadoras em campo promoveram a sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural, com a valorização do saber-fazer local, tendo na prática artesanal com sementes por meio do DA uma fonte de renda e identificação das múltiplas expressões de uso cotidiano, que fazem parte da memória coletiva, podendo ser incorporadas ao acervo cultural do Maranhão, o que qualifica a contribuição inédita desta pesquisa. Contribuiu, ainda, para que as comunidades envolvidas se fortalecessem como produtoras de artesanato com sementes, como executoras de toda a cadeia produtiva, desde a coleta até a produção dos artefatos artesanais e como potenciais fornecedoras de sementes para outros grupos, por meio das práticas de correspondência.

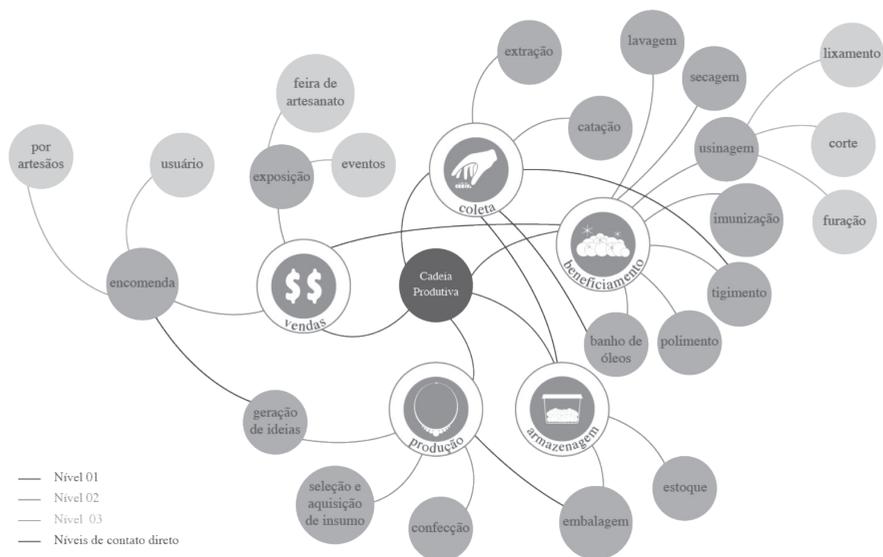


Figura 7. Cadeia produtiva do artesanato com sementes ornamentais do Maracanã. Fonte: Produção das autoras, (2020).

Os encontros serviram para criar vínculos com as pessoas, consideradas copesquisadores, em especial com as artesãs. Juntas, desenhamos o fluxo da cadeia produtiva de biojoias no qual os movimentos entre processos são sistêmicos e seguem o fluxo dos materiais e demandas, e nem sempre necessitam seguir movimento linear das cadeias produtivas tradicionais, com base em informações preestabelecidas. Por se tratar de uma atividade que tem como base o fazer empírico, considera-se os improvisos durante a realização. A esse movimento de “interligar etapas” chamamos de *níveis de contato direto*.

Outra resposta positiva ao processo foi a produção um inventário de sementes nativas como mais de 30 espécies e os modos locais de tratamento deste material a partir de mobilização acadêmico-comunitária. Este trabalho tem incentivado representantes locais a buscarem políticas públicas para favorecimento de sua sustentabilidade econômica e ambiental, principalmente quanto à conservação da biodiversidade local.



Figura 8. Capa principal e capas de capítulos do Inventário de espécies nativas e saberes locais do Maracã. Fonte: Produção das autoras, (2020).

Considerações

O artesanato com sementes florestais da comunidade, em sua maioria sementes de espécies de palmeiras, muito presentes na localidade, principalmente a de juçara, vem ganhando força e tem se intensificando, a partir das ações de design por meio de práticas de correspondência.

As correspondências são formas atencionais de vivenciarmos práticas cotidianas (Ingold, 2015). Desse modo, entende-se as correspondências como um caminho para se construir processos participativos que, por sua vez, caracterizam-se como meios de entender o conhecimento do outro fazendo, o tradicional, tácito de maneiras pelas quais as pessoas realizam suas atividades cotidianas e como essas atividades podem transcorrer de maneira proativa.

Guiadas por essas premissas, foi dessa vivência atencional durante o fazer participativo que surgiram algumas respostas para as demandas que se apresentaram ao longo do caminho. Nesta pesquisa, as demandas das artesãs – compreendendo questões relacionadas a procedimentos da cadeia produtiva do artesanato; da comunidade – por trata-se de uma localidade inserida em uma APA, foi necessário identificar possíveis contribuições da atividade artesanal com sementes nos processos de conservação e preservação da biodiversidade do território, e dos materiais – quanto aos tratamentos e benefícios necessários. Da pareceria com as mulheres da comunidade foi possível construir um percurso de atividades que permitiu o entendimento sobre suas experiências, anseios, perspectivas e sonhos possíveis de alcance com a atividade artesanal estendendo-se para outros grupos, primeiramente acompanhando sua rotina, com o intuito de fortalecer o grupo a partir da cocriação de produtos e organização de processos produtivos, considerando a valorização do saber-fazer popular e identificação com o território, possibilitando a estas pessoas oportunidades de ocupação e geração de renda, de autorreconhecimento e autonomia para a resolução de problemas do cotidiano e no segundo momento através dos diálogos por meio das rodas de conversa, oficinas – experimentos sociais, propostos pelas pesquisa-

doras mediante o olhar atento em perceber as necessidades identificadas durante a presença em campo e assim criar um plano comum, que se estabelece como o lugar da reunião de diferenças (Noronha, 2018) e que se constitui como um resultado do design alcançado durante a pesquisa.

Notas

1. Objeto de adorno artesanal confeccionado de material coletado da natureza, geralmente associado a preocupações ecológicas (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2019).
2. Juçara é nome pelo qual o açaí é conhecido no estado do Maranhão.
3. Projeto “Artesanato no Maracanã: utilização de sementes de juçara na produção artesanal”, 2016.

Referências

- Anastassakis, Z. (2014). “Design and Anthropology: an interdisciplinary proposition”, in *Forum Proceedings of fourth international forum of design as a process*. Barbacena: Universidade Estadual de Minas Gerais.
- Correa, G. (2010). *Design e artesanato: um estudo de caso sobre a semente de juçara em São Luís do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- Disalvo, C. (2009). “Design and the Construction of Publics”, *Design Issues*, Massachusetts, v. 26, n.1, 2009.
- Durkheim, E. (2012). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Edipro.
- Escobar, A. (2016). *Autonomia y Diseño: La realización de lo communal*. Popoyán: UC Editorial-Universidad del Cauca.
- Fontoura, A. (2011). “A interdisciplinaridade e o ensino do design”, *Projética Revista Científica de Design*, Londrina, v.1, n. 2.
- Frazão, A. (2017). *Diversidade Florística da Área de Proteção Ambiental do Maracanã em São Luís MA: implicações para o manejo e conservação*. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Maranhão, Chapadinha.
- Gatt, C.; Ingold, T. (2013). *From Description to correspondence: Anthropology in real time*, in Gunn, W.; Otto, T.; e Smith, R. (eds) (2013). *Design Anthropology: theory and practice*. London - New York: Bloomsbury.
- Halse, J.; Brandt, E., Clark, B. e Binder, T. (Eds.) (2010). *Rehearsing the future*. Copenhagen: the Danish Design School Press, [s.l.:s.n.].
- Halse, J. (2013). “Ethnographies of the possible”, in Gunn, W.; Otto, T. e Smith, R. (eds)(2013). *Design Anthropology: theory and practice*. London, New York: Bloomsbury.

- Ingold, T. (2016). “Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia”, *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.
- Ingold, T. (2015). *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- Ingold, T. (2013). *Making, Growing, Learning. Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.29, n.3, p.297-324. set. 2013.
- Keller, P. (2014). “Paulo F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea”, *Revista de Ciências Sociais*, São Luís, n. 41, 2014.
- Manzini, E.; e Vezzoli, C. (2008). *O desenvolvimento de produtos sustentáveis*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- Maranhão - Secretaria do Meio Ambiente e Turismo (1991). Decreto 12.103, de 1 de dezembro de 1991. Cria, no Estado do Maranhão, a Área de Proteção Ambiental da Região do Maracanã, com limites que especifica e dá outras providências, *Diário Oficial [do] Estado do Maranhão*, São Luís.
- Minayo, M. (2010). *Introdução*, in Minayo, M.; Assis, S.; e Souza, E. (Org.) (2010). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Noronha, R. (2020). *Dos quintais às prateleiras: as imagens quilombolas e a produção da louça em Itamatatua - Alcântara - Maranhão*. São Luís: EDUFMA.
- Noronha, R. (2018). “The collaborative turn: challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomy in design”, *Strategic Design Research Journal*, [s.l.], v. 11, n. 2, 2018.
- Pêgo, K.; e Oliveira, P. (2014). “Design Sistêmico: relações entre território, cultura e ambiente no âmbito da Estrada Real”, *Strategic Design Research Journal*, [s.l.], v. 7. n. 3, 2014.
- Porto, M.; Ibarra, M.; Anastassakis, Z. (2016). “Design Anthropology na transformação colaborativa de espaços públicos”, *Estudos em Design*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 2016.
- Sanders, E.; e Stappers, P. (2008). “Co-creation and the new landscapes of design”, *CoDesign*, [s.l.], v. 4, n. 1, 2008.
- Spinelli-Araujo, L. et al. (2016). *Conservação da biodiversidade do estado do Maranhão: cenário atual em dados Geoespaciais*. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente.
- Spinuzzi, C. (2005). “The Methodology of Participatory Design”, *Applied Research*, [s.l.], v. 52, n. 2, 2005.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar métodos y resultados de un proceso de correspondencia en el diseño a través de la antropología, a partir de la actividad artesanal realizada en torno a las semillas del bosque ornamental en la comunidad rural Maracanã en São Luís, capital de Maranhão. A la luz de la Antropología del Diseño - DA, fue posible construir espacios de diálogo en los encuentros con la comunidad, lo que nos ayudó a elaborar planes comunes con miras a la sostenibilidad ambiental, económica, social y cultural, materializada en la mejora de la actividad. cadena productiva y en la elaboración de un inventario de especies nativas de semillas y formas de conocimiento local.

Palabras clave: diseño antropológico - artesanía - sustentabilidad - materiales - Comunidad de Maracanã.

Abstract: This paper to present methods and results of a process of correspondence in design through anthropology, starting from the artisanal activity carried out around ornamental forest seeds in the rural community Maracanã in São Luís, capital of Maranhão. In the light of Design Anthropology - DA, it was possible to build dialogical spaces in meetings with the community, which helped us to draw up common plans with a view to environmental, economic, social, and cultural sustainability, materialized in the improvement of the activity's productive chain and in the production of an inventory of native seed species and ways of local know-how.

Keywords: design anthropology - crafts - sustainability - materials - Maracanã community.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo]
